



‘O Reino, a Colônia e o Poder’, uma bela contribuição para a historiografia brasileira

Waldecy Tenório

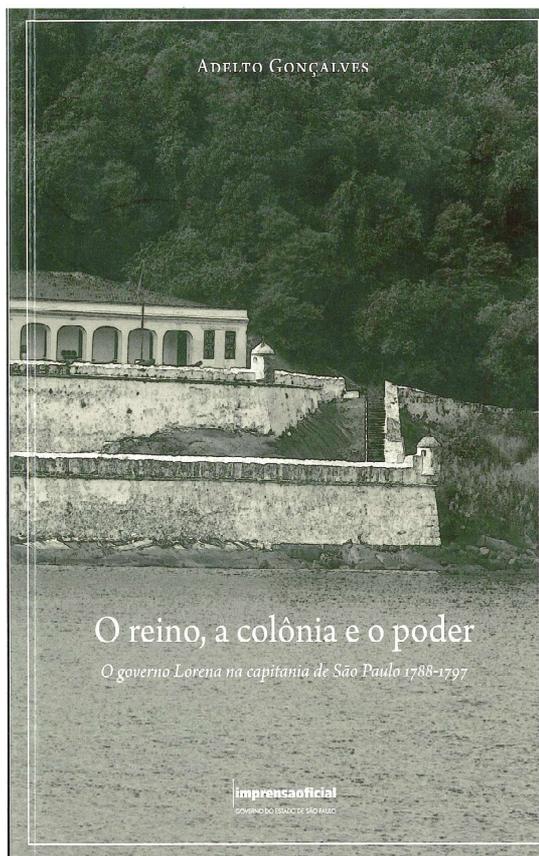
Você apanha o livro, folheia as páginas, observa o trabalho de edição, olha as fotografias que ilustram o texto, volta, lê o título, procura o nome do autor e descobre quem é. Jornalista, doutor em Letras, historiador com notável contribuição à historiografia brasileira e prêmios recebidos de diversas instituições, entre as quais a Academia Brasileira de Letras. Enfim, você abre o livro, começa a ler e se vê transportado ao século XVIII para participar de um pedaço da história da capitania de São Paulo.

O personagem central da história, que está no subtítulo, é d. Bernardo José Maria da Silveira e Lorena (1756-1818), ou simplesmente Lorena, que governou a capitania entre 1788 e 1797. Mas por que preocupar-se com esse período da história de São Paulo e dedicar a ele as quatrocentas páginas de um livro bem documentado e bem escrito? O autor responde logo na Introdução, na primeira página. Porque não tínhamos ainda nenhuma pesquisa mais aprofundada sobre esses nove anos do governo Lorena, decisivos para o desenvolvimento da capitania. A curiosidade do leitor se aguça. Decisivos, como e por quê?

Ao chegar a São Paulo, Lorena se debruçou sobre os problemas que afetavam a capitania, detectou suas necessidades e traçou um programa de ação para enfrentá-los. Eram muitos os problemas. O primeiro envolvia o porto de Santos que então vivia em ruínas. Era necessário, pois, reconstruí-lo e equipá-lo. Mas isso não bastava. Era preciso abrir um caminho para ele. Do contrário, como escoar a produção de arroz, algodão, aguardente de cana, café, couro, madeira, açúcar?

Começa então a abertura do caminho para Santos. Era uma trilha difícil de ser percorrida: barrancos, árvores tombadas, terrenos alagados, escorregadios, buracos, em alguns lugares mata fechada. Só os índios conseguiam passar por ali, e nem sempre. As mulas, carregadas de mercadorias, escorregavam, caíam, despencavam em abismos.

O que faz Lorena? Junta recursos disponíveis nos cofres da Corte e dos comerciantes e começa o que mais tarde se chamaria a Calça-



da do Lorena. Teve êxito? O mineralogista inglês John Mawe (1764-1829), que, em 1807, fez uma viagem de Santos a São Paulo, resumiu assim o seu entusiasmo: “Poucas obras públicas, mesmo na Europa, lhe são superiores, e se considerarmos que a região por onde passa é quase desabitada, encarecendo, portanto, muito mais o trabalho, não encontraremos nenhuma, em país algum, tão perfeita”.

Não foi só essa, claro, a contribuição de Lorena para o desenvolvimento da capitania. Mais tarde, a lei do porto único seria outro fator importante. E o mais jovem capitão-general a governar São Paulo teve de empregar toda a sua habilidade política para contornar os problemas que poderiam ameaçar o êxito de seu plano de governo.

Um deles, o conflito entre os interesses econômicos de comerciantes de São Paulo e

do Rio de Janeiro. Outro, as disputas políticas envolvendo inclusive o clero sobre, por exemplo, o lugar que essa ou aquela autoridade podia ocupar nas procissões. Isso hoje nos diverte um pouco, mas era uma questão importante para a sociedade da época.

Por trás disso, outro problema, uma velha conhecida nossa, a corrupção e o conseqüente enriquecimento ilícito punham em risco o bom desempenho administrativo do governo. Se você mergulhar nessa história, vai encontrar os antepassados de gente que ainda hoje conhecemos bem: políticos desonestos, bajuladores, espertalhões, corruptos.

Por tudo isso, *O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797* é uma bela contribuição de Adeldo Gonçalves para a historiografia brasileira. Digo isso sem receio de estar caindo em exagero ou no “afã louva-minheiro” dos partidários de Lorena. Essa afirmação tem o apoio de dois pesos-pesados dos estudos históricos, Carlos Guilherme Mota, professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), e o britânico Kenneth Maxwell, professor aposentado da Universidade Harvard/EUA.

O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797, de Adeldo Gonçalves,

com prefácio de Kenneth Maxwell, apresentação de Carlos Guilherme Mota e fotos de Luiz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 408 páginas, R\$ 70,00, 2019. Site: www.imprensaoficial.com.br

Waldecy Tenório é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e autor de *O amor do herege: resposta às 'Confissões de Santo Agostinho'* (Editora Paulinas, 1986), *A bailarina andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral* (Ateliê Editorial, 1996), *João Alexandre Barbosa: o leitor insone* (Edusp, 2007, organizador, em coautoria com Plínio Martins Filho) e *Escritores, gatos e Teologia* (Ateliê Editorial, 2014). E-mail: waldecytenorio@uol.com.br



Blanc foi encontrar a Resposta ao Tempo

Rosani Abou Adal

Nossas Letras e Cultura perderam mais uma vítima de Covid-19 - o escritor, cronista, músico, compositor, médico e cronista - Aldir Blanc Mendes, no dia 4 de maio, no Rio de Janeiro. Quantos escritores estão partindo sem dizer adeus.

Nasceu no Rio de Janeiro a 2 de setembro de 1946. Foi cronista colaborador de *O Pasquim*, *Bundas*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Dia*.

Publicou *Rua dos Artistas e Arredores*, *Porta de tinturaria*, *Brasil passado a sujo*, *Vila Isabel - Inventário de infância*, *Um cara bacana na 19ª*, *Heranças do samba* (em parceria com Hugo Sukman e Luiz Fernando Vianna), *Rua dos artistas e transversais*, *Guimbas*, *Vasco - a Cruz do Bacalhau* (em parceria com José Reinaldo Marques), *Uma caixinha de surpresas*, *O gabinete do doutor Blanc - sobre jazz, literatura e outros improvisos* e *Direto do balcão*.

Autor de mais de 600 canções em parceria com João Bosco, Guinga, Moacyr Luz, Cristovão Bastos, Maurício Tapajós, Carlos Lyra, Paulo Emílio, Sílvio da Silva, César Costa Filho, entre outros importantes nomes da Música Popular Brasileira.

Dentre os sucessos da sua carreira, *Coração do Agreste*, tema da novela *Tieta*, da Rede Globo; *Resposta ao Tempo*, tema de abertura da minissérie *Hilda Furacão*; a trilha do musical *Era no Tempo do Rei*, baseado no romance de Ruy Castro, com adaptação de Heloisa Seixas e Julia Romeu.

Aldir Blanc partiu sem dizer adeus com *O Mestre-sala dos Mares*, ao som de *O Ronco da Cuica*, sem dar *Dois pra Lá, Dois pra Cá*, em sua *Transversal do Tempo*, em companhia de *O Bêbado* e *a Equilibrista* foi encontrar a *Resposta ao Tempo*.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*. www.poetarosani.com.br



OS SOBREVIVENTES

Raquel Naveira

Há muita diferença entre viver e sobreviver. Viver manifesta a grandeza, a totalidade de nosso ser. Sorvemos bons e maus momentos com força e fé. Encaramos o trabalho como oportunidade de autorrealização, algo semelhante à arte, que nos traz respeito e autoestima. Sobreviver é apenas manter-se vivo biologicamente, mantido na matéria, alimentando-nos e sustentando-nos sob o peso de um jugo, um castigo, que em nada satisfaz a nossa alma. Somos sobreviventes quando continuamos vivos, depois de uma situação desastrosa.

Quando um vírus diabólico, coroado de pequenos fungos, atravessa nossos pulmões e nos sufoca, transformamo-nos todos em sobreviventes. Errantes sobre a Terra, em meio a um tiroteio cego.

Quem como o poeta paulista Cassiano Ricardo (1895-1974), um dos líderes do movimento da reforma literária iniciada na Semana de Arte Moderna em São Paulo, penetrou mais fundo na trágica ideologia da sobrevivência? Quem conheceu melhor do que ele esses "seres mascarados de vivos, subvivos, portadores de lesão ou ferida transcendental, que trazem a presença compulsiva do tempo?" Quem melhor traduziu o drama dos habitantes sofridos de passagem pelo planeta, os subprodutos da ameaça de um mundo pós explosão da bomba atômica? Tudo isso, segundo Eduardo Portella, está presente no livro-poema *Os Sobreviventes*, publicado em 1971. Cassiano nos mostra que em todos os cantos instalou-se o sentimento do medo, a consciência de uma ameaça mortal. Nesse processo, nesse sistema, aglomeramo-nos numa multidão ao mesmo tempo solitária e fraterna. É preciso se dar as mãos para furar o nevoeiro da sobrevivência. Uma solidariedade definitiva, exercida na prática da esperança, do renascimento, de um despertar espiritual. Como são atuais estes versos: "Hoje, afinal, somos todos irmãos, por sermos todos sobreviventes, globalmente, isto é, no globo." Há "escaras sob as máscaras, capricho que ao fim se joga no lixo." Porque "a máscara da fome é cubista, totêmica, polêmica, imagem daquele que cobre dois terços do rosto do globo."

Que profética essa obra! Imagens impressionantes! Como soube converter a crise em palavra po-

ética. Cassiano relembra o lançamento das bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki (6 e 9 de agosto de 1945), forma extrema utilizada pelos Estados Unidos para forçar a rendição japonesa no contexto do final da Segunda Guerra Mundial. Primeira vez que armas nucleares foram usadas em guerra: "Fabricam-se mais bombas do que se criam pombas nos pombois", declarou o poeta perplexo.

Imagine-se a nuvem de fumaça que despencou sobre Hiroshima. O clarão de luz alaranjada, parecendo um estranho cogumelo com talo e chapéu, soltando destroços, fagulhas sinistras. Casas ardiem, peles se soltavam dos corpos produzindo fileiras de esqueletos brancos. A violenta radiação queimou o solo numa grande e profunda cicatriz. Depois, a cinza baixou sobre os navios do porto, espirrando urânio.

O mundo passou a pertencer aos sobreviventes de uma época que terminara; de um abrigo anti-aéreo que nos permitiu acordar de manhã; de uma máquina fatal da qual bastava apertar um botão para fazer tudo voar pelos ares; de fatos que envergonham quando nos olhamos no espelho; de um disco voador maligno que passou sobre nossas cabeças destilando veneno químico. Os sobreviventes habitavam agora um espaço imaginário, um palco de terror. Tornaram-se sobrenaturais.

Mais tarde, o poeta Vinícius de Moraes (1913-1980), num protesto contra o uso da bomba, utilizou a metáfora da rosa para descrever a destruição causada pelo homem, deixando um rastro de desespero por gerações: "A rosa hereditária, radioativa, estúpida e inválida, a rosa com cirrose, a antirrosa atômica, sem cor, sem perfume, sem rosa, sem nada."

A sobrevivência é uma função da vida. Neste contexto em que um vírus prepotente nos persegue sem trégua, fazendo morada dentro de nós e do outro, caminhamos para um impasse. É nesse ponto que se abrem brechas, veredas para novos vales. Ansiemos, como escreveu Cassiano Ricardo, pelo dia em que novamente "pudermos nos abraçar com asas de garça."

Raquel Naveira é escritora, crítica literária, professora universitária, vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



CARTA ABERTA AO POETA MARCUS VINICIUS QUIROGA

Tanussi Cardoso



Marcus Vinicius Quiroga

O dia de hoje, em mais de 45 anos de poesia, é, com certeza, um dos mais tristes. Recebi da Anna, mulher do nosso amigo querido, MARCUS VINICIUS QUIROGA, a notícia de seu falecimento, em virtude do COVID-19. Estou muitíssimo comovido por vários motivos: primeiro, porque éramos, realmente, amigos: quando juntos, dávamos boas risadas das suas tiradas, sempre inteligentes e terrivelmente sarcásticas. Era desses caras que queríamos ter por perto a toda hora. Foi por ele que cheguei ao SEERJ, quando, com sua visão certeira, saltou fora na hora certa, me deixando a presidência. Esperto ele.

Meu amigo, tão grande poeta, tão amado, tão ciente do que era o fazer poético, tão generoso, tão solidário, tão elegante no trato com o outro.

Me lembro ter sido um dos que, praticamente, o obrigou a assinar seu sobrenome Quiroga, já que usava, somente, Marcus Vinicius. Eu dizia: "Cara, Marcus Vinicius tem muitos, você é mais, você é o Quiroga". Até que um dia, ele se rendeu, como, também, muito tempo depois, passou a aceitar o uso do celular.

Fico pensando que nada é por acaso: morreu indignado com os rumos nebulosos que o país segue

e, ironicamente, vítima da doença que, para governo, não passa de um "E daí?" Logo ele, que tinha a noção exata da degradação ética, moral e política pela qual passamos. E devia sofrer por isso.

Por último, porque era, na minha opinião, o grande poeta carioca da sua geração, não à toa tantas vezes premiado, inclusive, com um Jabuti. E, generosamente, ensinava, em suas oficinas, o que sabia de sua arte gloriosa.

Tenho muito orgulho de ter sido seu amigo e sou grato ao Universo por ter vivido nesta época e ter podido abraçá-lo, partilhado de suas ideias, de seu humor irônico, de sua inteligência e cultura, e, principalmente, de ter lido, ouvido e conhecido a sua imensa poesia, que, com certeza, ficará para nos acarinharmos quando chegar os dias da delicadeza.

Descansa em paz, meu irmão poeta, no céu especial dos grandes artistas. Me espere aí, algum dia, com aquele sorriso sacana que iluminava a todos nós, junto com o Dalmo Saraiva, o Cairo Trindade e o Ovídio. Vai ser um grande sarau! Até um dia! Abraços fraternos deste seu irmão na Terra. Tanussi.

Rio de Janeiro, 10-11 de maio de 2020.

Tanussi Cardoso é escritor, poeta, letrista, advogado, crítico literário e jornalista.

PRIMEIRO LIVRO DE QUINTAS - Maria da Glória Oliveira - Porto Alegre - RS

Andreia Donadon Leal

Parece que as artes plásticas tomam conta do texto poético de Madaglor. As artes se confundem no subconsciente do artista múltiplo e se mostram sinestésicamente nos produtos artísticos. A poesia de Madaglor é plástica e demonstra as imagens evocadas nos versos; ela é como uma paisagem desenhada na eternização de um dado momento de paz, de apreensão, de alegria, de tristeza, de emoção. Que bom ter a poesia para nos transformar em imagens sensações da vida diária. Que bom que a poeta gaúcha (digo gaúcha, para reafirmar que além de riograndense do sul, ela cultua e mostra ao mundo a grandeza de sua terra natal) nos brinda com mais um livro seu, divinamente tecido de quintas, uma nova forma de versejar criada por mim, aqui em Minas Gerais, e que combina muito bem com a paisagem gaúcha, especialmente quando essa paisagem é desenhada como a alma de poeta, que explora a polifonia e traz a amálgama de poesia com o quintal:

*QUINTA preciosa
jardim florido
palavras encantadas
dão vida
sentido*

Seja tematizando a própria quinta, seja descrevendo os pampas gaúchos, tudo nesse conjunto de poemas é magistralmente desenhado com palavras bem escolhidas e grávidas de sentidos.



*campo florido
luar brilhando
pássaros cantando
relincha cavalo
troteando*

De uma poeta e artista plástica tão completa em sua plenitude de representar o mundo dos sentimentos e dos afetos, só podíamos ter mais um livro de poemas, paradoxalmente, imensamente sensíveis. Obrigada Madaglor por brindar a literatura brasileira com essa pérola chamada *Majestosa Quinta*.

Andreia Donadon Leal é poeta, escritora aldravista, Mestre em Literatura pela UFV, presidente da ALACIB-MARIANA e ABRAAI e membro do PENCLUBE DO BRASIL.

Sebo Brandão São Paulo Fazemos encadernações

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



Estação

Dimas Macedo

Sei que todos pararam
de ouvir
a voz do vento
e os lábios da canção.
Sei que o silêncio
é a minha confissão
e que vou morrer
sem jeito de voltar.

Se o sol renascer,
vou me mudar
para outra estação
e ver o sol se pôr,
pois só assim
consequirei postar
meu coração
nos rios do amor.

Dimas Macedo é professor
universitário, escritor, poeta,
jurista e membro da Academia
Cearense de Letras.

FALSA PROMESSA

Teresinka Pereira

Será que sou a única
a não cumprir
uma promessa de amor?

Quanta vingança
puseste no meu dia
falsificando
meu infinito questionar
sobre a pobreza mental
dos animais humanos!

Minha fome de tempo
alimenta-se do absoluto.
Aumenta seu desejo
para ver como estou certa!

Teresinka Pereira é escritora,
poeta, tradutora, presidente da
Associação Internacional de
Escritores e Artistas - IWA e
Doutora em Filosofia e Línguas
Neo-Latinas da University of
New Mexico, USA.

Bom senso

Flora Figueiredo

Hoje não vou,
que é dia ruim de decisão:
o ninho apareceu cheio de ovos,
o vaso me presenteou com botões novos,
a lua fez alongamentos verdes sobre o mar.
Dia de emoção não é dia de ir.
Quem sabe, amanhã amanhece chovendo
e eu fico matemática?

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista,
tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*, *Limão Rosa*,
Florescência, entre outros livros. Exerceu o cargo de
Vice-presidente da Associação das Jornalistas
e Escritoras do Brasil.

AMOR, VINHO E MÚSICA

Raymundo Farias de Oliveira

Há nesta manhã fria
um silêncio cortante
vestindo o meu bairro.
Silêncio as vezes trincado
pelos cachorrinhos
com seus latidos dispersos
nos quarteirões adormecidos.
Penso que eles – esses bichinhos amorosos –
querem ouvir e serem ouvidos
nessa quietude arrasadora!
Debaixo do cristalino céu
azul de abril – cruel ironia! –
há luto, tédio e solidão...
O coronavirus cobriu o mundo de tristeza
e o mundo está precisando urgentemente
de muito amor, vinho e música!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, contista, cronista,
romancista e Procurador do Estado aposentado.

Dilema

Olívia Ikeda

Plantar uma roseira sobre o túmulo de um amigo
de quem não nos despedimos a contento.

Para quê, se a vida é passageira,
e restos mortais não conhecem o sentimento?

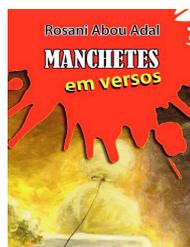
Olívia Ikeda é escritora, poeta, advogada e filósofa. Foi uma
das poetas homenageadas da 33ª edição do Festival de Arte
Contemporânea Psiu Poético - Psiu Cinema.

Manchetes em versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de
Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -
Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



Suba mais um degrau, desça a escada; ou, A estreia de um jovem veterano nas letras

Escobar Franelas

Todos sabemos que a Arte é uma espécie de sagração. É em sua manifestação, em seus louvores, em sua sublimação, que os seres se aproximam mais perigosamente do estado de “descerebração” que a determina. Na Arte, assim, como na vida (pois uma e outra se anelam, se envolvem num só corpo indefinido e indefinível), que as pessoas encontram o lenitivo para suportar o determinismo, o absurdo e as contradições da existência. A Arte é quem nos protege da morte. A Arte nos eterniza.

Joel Dias Filho, um dos inquietos criadores do canal de poesia e música Peixe Barrigudo (Youtube), do Slam do Prego (Guarulhos) e do Sarau Alfinete (também em Guarulhos), fotógrafo, videomaker e outros quetais culturais, também é poeta, desses raros, natos, tatuados desde as primeiras manifestações pelo sol abrasador da fulguração criadora. Se é verdade que na natureza nada se cria, tudo se transforma, em Dias, tudo nasce ou se recria através do indizível, do improvável, da junção das águas do Rio Negro e do Solimões, da hipotética aproximação das auroras boreais e austrais. O poeta é daqueles que prescindem das oficinas de escritas criativas. Ele é a própria oficina, a escrita que pulsa naturalmente, a criatividade em situação exponencial.

Suba Mais Um Degrau Dessa Escada, livro que apresento aqui com argumentos apaixonados, ainda que lúcidos, é o seu primeiro, nascido com a assinatura do selo Va Cartonera (SP). Cartoneros são livros feitos normalmente em sulfite reciclado, com capas de papelão que estavam destinados ao lixo, pintadas à mão e os miolos costurados da mesma forma, um a um. Este modelo de publicação nasceu na década de 1990 na Argentina, como via de produção mais barata e autoral, diante de um mercado refratário e com excesso de filtros para textos independentes, principalmente de poesia. No Brasil, o nome mais celebrado é o do selo Dulcinea Ca-

tadora, mas o mercado para este tipo de publicação tem crescido de maneira vertiginosa e hoje autores de renome (e não só iniciantes), procuram este tipo de publicação para suas obras. A Va Cartonera tem se dedicado a suprir as demandas desse nicho com obras originais e criativas. Como este “Suba...”.

Os versos deste jovem autor nasce sustentado por uma lírica potente. A estreia parece indicar um veterano:

Dor

É reler todos os textos não enviados

Guardar no fundo da gaveta todos os poemas não lidos (p. 28)

Todavia, o livro apresenta outras nuances de excelência. O poeta alça voos inusitados, alcança horizontes imponderáveis, descortina texturas que deixam a pele à mostra:

Da vida só leve

O que é leve

Alegria amor e amizade.

Sentimentos de pesar

são muito pesados

Pra minha alma que quer flutuar (p. 4)

Serviço

Livro: Suba Mais Um Degrau Dessa Escada

Gênero: Poesia

Autor: Joel Dias Filho

Editora: Va Cartonera, SP

Ano: 2019 (1ª edição)

Páginas: 40

Fruto provável de muita conversa entre o ela criador e as leituras sensíveis que o poeta faz, das pessoas, do mundo, da vida, entra em nosso campo sensorial um sortimento de detalhes talvez não visíveis a quem não se deixar queimar pelo fogo da sua fátua poesia. Assim, o título deste texto tenta dar da questão premente que nos envolve na literatura de Joel Dias Filho desde os primeiros versos: o fortalecimento simbólico com o sagrado que a Arte nos proporciona, bem exemplificado no poema em que cita



Joel Dias Filho e Rosinha Moraes

uma influência primordial em sua construção:

Akira me mostra um texto

Dizendo doer

não sei aonde

(...)

Fico me repetindo para ver se consigo

Me fazer ouvir meu próprio conselho

‘Joel, não tenha medo do futuro.

Ele é só mais um passado

que ainda não teve a chance de acontecer’

(p. 21)

Neste poema, e durante todos o percurso de *Suba Mais Um Degrau Dessa Escada*, Joel Dias Filho coloca-se em posição receptora (nunca submissa), admira o que lhe atrai e, principalmente, admite as trocas que a convivência humana determinam. Assim, a reverência do poeta é, na verdade, um exercício de ascese, pois o artista externa sua prática além da estética, mas comunga com a ética.

**Escobar Franelas é escritor,
poeta, romancista, educador,
videomaker e cineasta.**

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante, com endereço completo,
para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Roberto Scarano

Advogado

Trabalhista

Cível

Família



OAB - SP 47239

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo

Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br



PARIS NÃO É UMA FESTA

Ronaldo Cagiano

A mitologia em torno da cidade luz sempre hierarquizou Paris como a personificação dos sonhos de consumo e moradia da maioria dos estrangeiros, sobretudo brasileiros que lá aportam fascinados em busca de nova vida. Centro cultural do mundo ocidental, terra de museus, bibliotecas, boulevards, cemitérios e cafés antológicos, a capital francesa é também capaz de despertar senões em muita gente, principalmente os que, para sobreviverem na engrenagem da metrópole e obter os benefícios da cidadania, são obrigados a um calvário, passar por um longo processo de assimilação de seus valores, costumes, tradições, leis e exigências sociais que definem o que seria na sua cultura uma espécie de "french way of life" (ou "un mode de vie français").

A jornalista e escritora Marcia Camargos, mineira de Belo Horizonte que radicou-se em São Paulo, autora de mais de uma dezena de obras, entre títulos de literatura, ensaio, crítica literária e de cinema, viagens e infanto-juvenil, considerada uma das referências sobre a obra de Monteiro Lobato, mudou-se para Paris há 3 anos. Sua experiência com a cidade e o país motivaram-na a compartilhar um olhar diverso dos clichês a que estamos acostumados. Escreveu um livro que esmiúça o dia-a-dia dos parisienses, uma imersão profunda nos escaninhos da burocracia, da vida social, administrativa e co-

mercial e nos relacionamentos de um modo geral, desnudando a funcionalidade de uma cidade e os entraves, muitas vezes desestimulantes, que se põem como obstáculos à paciência e também à permanência dos que lá vão em busca de nova vida.

Com o intrigante título *É chique morar em Paris? / Est-ce chic de vivre à Paris?*, em edição bilingue, os nove capítulos intercalados por fotos, mapas e ilustrações, realizam uma minuciosa cartografia, abordando os diversos aspectos que conformam a vida não só da metrópole, mas da própria França. Fornecendo uma visão não edulcorada da capital, vários mitos vão sendo desconstruídos, penetrando as vísceras de um sistema cultural arraigado e tantas vezes hostil ao imigrante, sobretudo se ele tem origem em países ou economias periféricas, num esboço menos apoteótico de como ser estrangeiro em hostes gaulesas.

Numa linguagem que transita entre a literatura, a pesquisa de campo, o acesso a fontes e setores governamentais, entrevistas e depoimentos, formatada por uma objetiva análise jornalística, a obra vem permeada de detalhes, conselhos e informações importantes. A autora abre uma picada na selva de uma realidade desconhecida por muitos, fruto do longo aprendizado de viver longe do seu país. Com sofisticação estilística e um viés de crítica e humor, Marcia Camargos dá pistas como não sucumbir num cotidiano emaranhado e labiríntico, com suas idiossincrasias e diatribes.

Nesse périplo geográfico e narrativo deparara-se com um ambiente permeado de surpresas nem sempre agradáveis, como a barreira do idioma, que exige do estrangeiro uma disposição hercúlea para enfrentar os tantos revezes que têm pela frente na esperança de um visto de residência, o acesso a um emprego razoável, a uma matrícula escolar, à abertura de uma conta bancária e à contratação de um aluguel, como também os gargalos na construção de amizades e afetos e respingos de preconceito e xenofobia.

Esse relato remete-nos a uma visão menos apoteótica e não idílica da Paris dos nossos dias, que já foi dissecada literariamente por alguns escritores, entre os quais Hemingway ("Paris é uma festa"), Enrique Vila-Matas ("Paris nunca se acaba") e Manuel Scorza ("A dança imóvel"), mas que hoje em dia, diante das dificuldades para adaptação e recepção aos que lá chegam, para muitos jamais será uma festa, sobretudo nesses tempos nebulosos e excludentes de Macron e de *gilets jaunes*. A relação do exilado já fora. Eis a mesma sensação de despertamento vivida por Albert Camus, escritor argelino que radicou-se na França, cuja epígrafe abre o livro, mas que em outro contexto sugerido em sua peça teatral *Calígula - O mal-entendido*, também deduziu o desconforto de



experimentar essa insularidade e deslocamento: "... não se pode ser feliz no exílio ou no esquecimento. Não é possível continuar a ser sempre um estrangeiro."

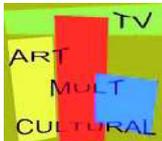
Livro: *É chique morar em Paris?*
 Autora: Marcia Camargos
 Editora: Folhas de Relva, SP,
 2019, edição bilingue.
 ISBN: 9786580672028
 Nº de Páginas: 168
 Preço: R\$ 36,00
www.editorafolhasderelva.com.br

Ronaldo Cagiano, escritor brasileiro residente em Portugal, autor, dentre outros, de *Eles não moram mais aqui* (Ed. Patuá, SP/Ed. Gato Bravo, Lisboa"), Prêmio Jabuti 2016.

TV ArtMult Cultural

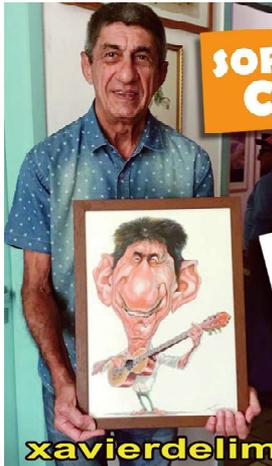
9 anos com você

Filmagens, edições de vídeo, clips e produção de dvds poéticos e musicais.



nicanorjacintos@yahoo.com.br - (11) 99949-9652

<http://tvartmultcultural.com.br/>



SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.



CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
 (14) 3733-9568
 (14) 99161-0675
 (11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



Repositório sobre Stella Leonardos

Enéas Athanázio

A incansável escritora goiana Alice Spindola publicou no ano passado o livro "Stella Leonardos, a Incomparável" (Editora Kelps – Goiânia – 2019). Contando com a colaboração da própria Stella na idealização da obra, a autora produziu um verdadeiro repositório sobre a escritora carioca que constitui, além disso, uma bela homenagem a quem tanto deu de si ao teatro e à literatura. Baseado em seguras fontes de pesquisa, fartamente fundamentado e contando com fiel acervo documental, o livro fornece uma visão segura da vida e da obra da escritora, enfatizando sua produção para o teatro, ao qual dedicou intenso trabalho, tendo inclusive atuado como atriz. Na apresentação, a autora recorda os encontros, as discussões e as visitas feitas por ambas quando idealizavam esta obra. Relata ainda o entusiasmo de outros intelectuais, inclusive estrangeiros, a exemplo de Jean-Paul Mestras que classificou Stella como "escritora planetária."

Menina de inteligência aguçada, o amor de Stella pelo teatro despertou muito cedo. Estreou como autora e atriz ainda nos dias do jardim da infância. Essa paixão irá acompanhá-la por toda a longa vida e produzirá peças teatrais infantis e clássicas que encantarão as pessoas e contarão com o aplauso da melhor crítica. Seu teatro foi encenado em grandes palcos, exibido em circos e posto em cena ao ar livre, como informa a autora. Superou os limites do país e foi exibido no exterior, sempre com o mesmo sucesso. E também ganhou a perenidade do livro. Mereceu montagens em palcos famosos, como nos Teatros Municipais do Rio e de São Paulo. Em toda sua obra perpassa sempre a preocupação social.

Grandes nomes da literatura, do teatro e da crítica teatral se manifestaram sobre sua obra. Mostro de Abreu, Mario Hora, Afrânio Peixoto, João Luso, J. G. de Araújo Jorge, Paulo Filho, Abadie Faria Rosa, Lopes Gonçalves, Rafael Barbosa, Raul de Azevedo, Borja de Almeida e Paranhos Antunes foram alguns dos que opinaram sobre ela, alguns mais de uma vez, e todos escrevendo em grandes órgãos da imprensa da época. Ou seja, a obra de Stella obteve intensa repercussão.

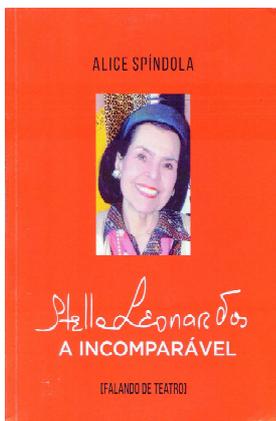
A peça "Festa da Vitória" foi um capítulo a parte da obra de Stella. Como escreveu a autora do livro, "ainda não existiu uma peça, com tema pátrio, que tenha obtido tamanha exaltação... Ela inovava, homenageando as nações que haviam participado da guerra. É uma peça internacional." A peça mereceu uma encenação magnífica e inesquecível, verdadeiro marco da arte teatral brasileira.

Para além da obra literária e teatral, Stella viveu com intensidade a vida de escritora. Pertenceu à Academia Carioca de Letras e foi secretária da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE/RJ). Foi permanente agitadora cultural e manteve intercâmbio com escritores de todo o país e do exterior. Com sua inconfundível caligrafia, não deixava bilhete sem resposta. Tive o prazer de trocar cartas com ela e a conheci em pessoa em solenidades da UBE/RJ.

O livro de Alice contém muito mais que estas rápidas pinceladas. Reproduz manuscritos de Stella, muitas fotos, documentos, reproduções de capas de suas obras, poemas, trechos de outros escritos e inúmeros e variados elementos para bem conhecer a escritora e sua obra. Em algumas fotos ela aparece tão nítida e fiel tal como a conheci.

A obra de Alice é ressuscitada e justiceira, merecedora de muitos aplausos.

Enéas Athanázio é escritor, advogado e Promotor de Justiça (aposentado). Reside em Balneário Camboriú (SC).



Livros

Cale a Boca, Jornalista!, de Fernando Jorge, 7ª edição, Editora Novo Século, São Paulo, 448 páginas. ISBN-13: 978-8576791898.

O autor é escritor, historiador, biógrafo, crítico literário, romancista, cronista, dicionarista e enciclopedista. Foi agraciado com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, com a Medalha Koeler por sua contribuição à cultura brasileira e com o Prêmio Clío da Academia Paulista de História.

Fernando Jorge faz uma análise a respeito das selvagerias cometidas contra os jornalistas e a imprensa, desde o tempo de D. Pedro I, além de denunciar e registrar a nossa memória histórica. A nova edição, revisada e aumentada, surge em comemoração ao bicentenário da imprensa e enfatiza o longo período de vinte anos da ditadura, a partir de abril de 1964.

Editora Novo Século: <https://www.gruponovoseculo.com.br/>



Retalhos de Imprensa, Claudia de Cápua, EditorAção, São Paulo, 176 páginas. ISBN: 978-85-917802-3-5.

O autor é escritor, jornalista, cronista, poeta, memorialista e crítico.

Segundo Ives Gandra da Silva Martins, "O livro de Cláudio de Cápua, *Retalhos de Imprensa*, é uma agradável e histórica lembrança de sua atuação como escritor, poeta, memorialista, crítico e jornalista, em período de grandes transformações no Brasil do fim do século passado e deste século. Com seu agudo espírito observador detecta, ora com precisão, ora com humor, mas sempre com muito talento no que produz, o retrato de uma época, principalmente aquela de um tempo prazeroso na cidade de Santos."

Cláudio de Cápua: Av. Bartolomeu de Gusmão, 14 - 5º andar - Bloco A - Santos - SP - 11045-400.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

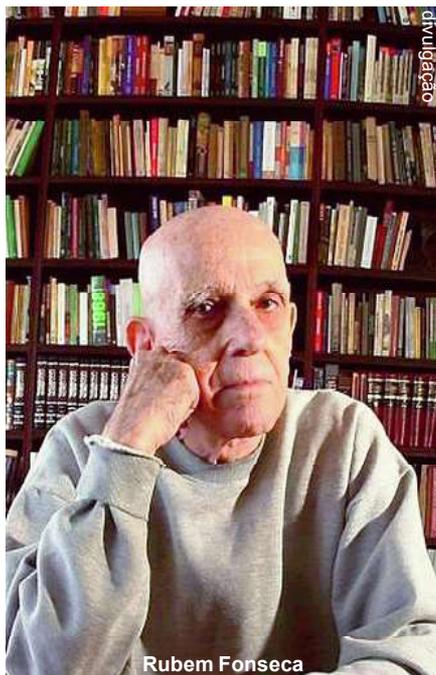
Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Notícias



Rubem Fonseca

José Rubem Fonseca, escritor, contista, romancista, ensaísta, roteirista e advogado, faleceu no dia 15 de abril no Rio de Janeiro. Nasceu em 11 de maio de 1925, em Juiz de Fora (MG). Em 15 de dezembro de 1976, seu livro *Feliz Ano Novo* foi proibido de circular e de ser publicado, conforme decisão do Ministro da Justiça Armando Falcão. Em 1978, o conto "O Cobrador", vencedor do Prêmio Status de Literatura Brasileira, também foi proibido de circular. Autor dos romances *O seminarista*, *José*, *Calibre 22*, *Carne Crua*, entre outras importantes obras. Foi agraciado com o Prêmio Camões e Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de obra.

Luiz Alfredo Garcia-Roza, escritor, romancista, psicanalista e professor, faleceu no dia 16 de abril no Rio de Janeiro. Nasceu em 16 de setembro de 1936, no Rio de Janeiro. Estreou na literatura de ficção em 1996 com a obra *O Silêncio da Chuva* que foi agraciada com o Prêmio Jabuti. Recebeu o título de professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Fórum de Ciência e Cultura, em 2006. Autor de *Berenice procura*, *Fantasma*, *A última mulher*, entre outras importantes obras.

Luis Sepúlveda, romancista, jornalista, ativista político chileno, roteirista, faleceu no dia 16 de abril em Oviedo, Espanha, vítima de Covid-19. Nasceu em Ovalle, Chile, em 4 de outubro de 1949. Foi agraciado com o Prêmio Casa das Américas pelo seu primeiro livro *Crônicas de Pedro Nadie*. Autor de *O Velho que Lia Romanças de Amor*, entre outras importantes obras.

Rita Carelli, com a obra *Minha família Enauenê* (FTD), ilustrada por Anabella López, foi agraciada com o Prêmio AEILIJ 2020, na categoria Literatura Infantil, que é promovido pela Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil.

Sérgio Sant'Anna, escritor, poeta, professor universitário, advogado, cronista, contista e autor de peças de teatro, faleceu no dia 10 de maio, no Rio de Janeiro, vítima de Covid-19. Nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1941. Autor de *Um crime delicado* (romance, 1997 - Prêmio Jabuti), *O voo da madrugada* (contos, 2003 - Prêmio Portugal Telecom), *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (contos, 1983 - Prêmio Jabuti), *Amazona* (novela, 1986 - Prêmio Jabuti), entre importantes obras.

Wills Leal, escritor, crítico, filósofo e jornalista, faleceu no dia 7 de maio em João Pessoa (PB). Nasceu no dia 18 de setembro de 1936, em Alagoa Nova (PB). Membro da Academia Paraibana de Letras e fundador da Academia Paraibana de Cinema. Autor de *A Aventura do Amor Atonal e No Tempo do Lança Perfume*.

Bruno Latour, antropólogo, sociólogo e filósofo, lançou *Júbilo ou os tormentos do discurso religioso*, pela Editora UNESP. O livro aborda os conflitos intermináveis entre ciência e religião.

Rosani Abou Adal participou com vídeo depoimento, sobre o Dia Mundial da Língua Portuguesa, na Frente Cultural da Língua Portuguesa que contou com a participação de importantes escritores, artistas, bibliotecários, editores, jornalistas e professores, dentre eles, Carlos Seabra, Vera Stefanov (presidente do Sinbisp), Célio Turino, entre outros. O depoimento da editora do L.V. está disponível em <https://flipgrid.com/s/82c73f8f7a1d>

Flavia Campos lançou *Coragem - Substantivo Feminino*, poemas, pela Editora Patuá. <https://www.editorapatua.com.br>

Claudio Willer, escritor e ex-presidente da União Brasileira de Escritores, lançou edição digital do livro *Dias ácidos, noites lisérgicas*, em e-book, pela Amazon. claudiowiller.wordpress.com

O Jornal JCORPUS, da empresa TerraNova Comunicação e Eventos Culturais Ltda, editado por João Barcellos e Cristiane Ramos, na edição de maio 2020, na página 10, publicou matéria sobre os 30 anos do jornal *Linguagem Viva*. <http://jcorpus.com.br/>

A Solidão na Multidão, comentário, de Enéas Athanázio, sobre o livro de *Manchetes em Versos*, de Rosani Abou Adal, foi publicado no *Jornal Página 3*, de Balneário de Camboriú (SC), em <https://pagina3.com.br/coluna/eneasathanazio/8237-a-solido-na-multid-o>

Antologia da Poesia Clássica Chinesa: Dinastia Tang, bilingue português e chinês, organizada e traduzida por Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao, foi lançada em segunda edição pela Editora Unesp e pela Blossom Press de Pequim, com apoio do Instituto Confúcio da Unesp. A obra reúne mais de duzentos poemas, de autores da Dinastia Tang (618-907) da literatura chinesa.

Poemas pela democracia, com lançamento virtual, pela Editora Oficina Raquel, com a participação de mais de 70 escritores, foi organizado por Marcia Tiburi e Luis Maffei. www.oficinaaraquel.com.br/

O 34º Festival de Arte Contemporânea Psíu Poético-DANÇAPALAVRA, promovido pelo Grupo de Literatura & Teatro Transa Poética em parceria com a Classe Cultural de Montes Claros, que será realizado de 4 a 12 de outubro, em Montes Claros (MG), estará com inscrições abertas nos meses de junho e julho.

Raquel Naveira foi agraciada, com a crônica *Isolada nesta Casa*, em primeiro lugar, na categoria crônica, no Concurso Literário Virtual Relâmpago UBE-RJ 2020.

A União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro - UBE-RJ, em virtude do Covid-19, - através da presidente Marcia Barroca e da diretora de concurso Isis Proença -, comunicou o adiamento por tempo indeterminado do Concurso Internacional de Literatura UBE-RJ 2020.

A Prefeitura de Montevidéu, Uruguai, distribuiu cinco mil exemplares de livros, acompanhados de itens de higiene e alimentação da cesta básica para as pessoas que vivem em situação social vulnerável. Hermann Hesse, Aldous Huxley, Alberto Camus, Júlio Verne e George Orwell são alguns dos autores.

Soraya Benevides, escritora e jornalista, lançou *A Casa de Chia* pela Editora Chiado Books. A obra conta sua trajetória de vida.

A Editora CEPE publicou a segunda edição de *O Brasil de Gilberto Freyre: Uma introdução à leitura de sua obra*, do crítico e pesquisador Mário Hélio Gomes. O livro abriga ilustrações do artista plástico José Cláudio. Em comemoração aos 120 anos de nascimento do sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987), também serão lançados *Brasileirismos e conexões em Gilberto Freyre*, de Raul Lody, e *A história íntima de Gilberto Freyre*, de Mário Hélio Gomes.

Wagner Merije lançou o romance *Psyché & Hamlet vão para Hodióhill*, pela Aquarela Brasileira Livros. aquarelabrasileira.com.br

Lóla Prata, escritora e lexicógrafa, lançou edição ampliada do dicionário de rimas *ARRIMO* e do didático *E EU SEI FAZER VERSOS?*. Está disponível o e-book na Amazon.com.br, em qualquer plataforma, através do app Kindle. Pode ser impresso por demanda. lola@pratagarcia.com

O Ler - Salão Carioca do Livro será realizado de 25 a 29 novembro, no Rio de Janeiro, no Hipódromo da Gávea.

Suplemento Pernambuco, jornal literário, editado pela CEPE, na edição de março, apresentou matéria de capa dedicada ao sociólogo Gilberto Freire.

A Coleção Brasil é publicada gratuitamente pela Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização - vinculada ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa -, em parceria com a Editora UNESP. Foram lançados *Domingos Caldas Barbosa: Descrição da Quinta de Belas*, *Jorge Amado et les chemins de l'exil e Portugal d'agora*. <http://editoraunesp.com.br/catalogo#brasil>